

### 3

## **A experiência humana como pressuposto para a dimensão religiosa na antropologia teológica de W. Pannenberg - liberdade e subjetividade; transcendência e história**

### **Introdução**

Tendo já visto como se pode definir o homem na sua constituição como corpo-espírito e tendo-o situado no contexto da modernidade, cabe agora apresentar alguns atributos e valores referentes à pessoa humana que foram construídos durante longo período de sua história, e assim passaram a ser constitutivos indispensáveis para se falar do homem como tal. Neste capítulo buscaremos trabalhar, a partir da antropologia de Pannenberg, algumas características que compõem o ser pessoa humana e os implicativos destas características.

Em um primeiro momento desse capítulo, será investigado, de forma específica, a compreensão da liberdade para o indivíduo e a implicação desta no tomar consciência de si mesmo no que se refere ao sentido do ser pessoa humana. Na sistematização do tema liberdade será indispensável ter presente os longos debates de Pannenberg com teóricos da modernidade. É partindo deste itinerário, que se fará possível chegar a uma síntese da abordagem epistemológica do conceito de liberdade, realizada por ele em sua antropologia. Já, o tema liberdade cristã, imprescindível em Pannenberg, será tratado na abordagem teológica que acontecerá na última parte desse trabalho.

Ainda neste capítulo, trabalharemos a temática da transcendência humana como experiência existencial filosófica bem como as implicações deste conceito na dimensão histórica e social do homem. A transcendência também se faz de grande valia para entender o homem como ser espiritual, por isso é significativo situar tal conceito no contexto cristão.

#### **3.1**

#### **O indivíduo como liberdade**

Quando se tem em vista refletir sobre o tema da **presença de Deus na vida do homem, na antropologia teológica de Pannenberg**, é indispensável estudar, neste mesmo autor, a compreensão do ser humano como liberdade, pois somente no espaço da liberdade a pessoa pode se relacionar com o Absoluto e se colocar numa situação de abertura para Deus. Neste primeiro momento buscaremos acompanhar Pannenberg no seu itinerário pelo tema da liberdade. Tal tema se apresenta de forma correlata com as temáticas da consciência e da subjetividade. Logo, tais conceitos também estarão nos acompanhando de forma oblíqua durante a exposição.

Na trajetória da experiência existencial do ser humano, torna-se possível de compreender o profundo valor da liberdade humana e o esforço que o indivíduo sempre fez para preservar tal valor. A liberdade foi arduamente construída e conquistada no acontecer da história do ser humano. Os registros das origens da cultura humana revelam como foi aprofundando o significado do termo liberdade na trajetória humana.

Na modernidade, principalmente nas ciências humanas, filosofia, psicologia, teologia entre outras, o princípio da liberdade, cada vez mais foi se tornando centro das reflexões. Em uma cultura antropocêntrica, na qual o homem se fez centralidade, a liberdade se apresenta como imprescindível e necessária para definir este homem. O tema da liberdade atinge seu auge no efervescer das idéias iluministas da Revolução Francesa.

### 3.1.1

#### **A pessoa como liberdade e consciência**

Pannenberg recorre ao pensamento de autores modernos para tratar da abordagem filosófica e teológica do tema liberdade. Ele observa que o homem é um ser que ao tomar consciência de si diante da realidade, se percebe livre em relação a tudo que o circunda<sup>1</sup>. Dessa

---

<sup>1</sup> Márcia C. de Sá Cavalcante em Introdução à **Essência da Liberdade Humana** de F. W. Shelling. Petrópolis: Vozes, 1991. “O homem não pode ser herdado, nem vendido e nem tampouco

forma, em todas as circunstâncias, o homem se vê em condições de dar uma resposta livre. Pannenberg situa a liberdade no sentido mais profundo do qualificativo das ações do homem, igualando-a com a vida. É no exercício da liberdade que o homem se eleva à condição de superar todas as condições e situações limitadoras que aparecem na sua trajetória. É pela atitude de autotranscendência e pela superação transformadora de condições que o homem constrói a si mesmo na cultura e na história<sup>2</sup>.

O autor apresenta os fundamentos da liberdade na antropologia filosófica e recorre ao diálogo com filósofos e teólogos clássicos e modernos. Trabalha vários conceitos da antropologia elevando-os à categoria teológica. Um destes conceitos, aprofundado por ele, é o de angústia<sup>3</sup>; assunto longamente abordado por S. Kierkegaard e M. Heidegger. Ao ter como base tais autores, Pannenberg apresenta o dilema existencial do humano na experiência da angústia e o apelo constante da liberdade como valor fundamental. Mesmo que a contingência da angústia assale a vontade humana, pelo exercício da própria liberdade, o homem consegue vislumbrar um horizonte mais além, que se instaura no seu infinito desejo. Assim sendo, a experiência humana se exercita para superar a angústia e atingir o infinito, no qual a consciência se eleva à realidade do espírito<sup>4</sup>. Paradoxalmente, tal

---

presenteado. O homem não pode ser propriedade de ninguém porque ele é e deve permanecer propriedade de si mesmo. Ele carrega no fundo de seu peito uma chama divina, a consciência moral, que o eleva sobre a animalidade, tornando-o cidadão de um mundo cujo primeiro parceiro é Deus. Essa consciência lhe possibilita querer isso ou não querer aquilo de maneira incondicional, livre e a partir de seu próprio movimento, sem nenhuma pressão exterior. Nesta afirmação de Shelling pode encontrar um elo antropológico que une diacronicamente com o pensamento de Pannenberg, pois este também busca situar o homem, bem como, a sua fundamentação antropológico religiosa na experiência da liberdade humana”.

<sup>2</sup> PANNENBERG.W. Op. Cit. p.50 et. seq. A história para O teólogo de Heidelberg é um marco em sua trajetória acadêmica, pois não por acaso este é chamado de teólogo da história. No seu livro **Revelação como História**, ele mostra que a história não é uma abordagem como pensava a fórmula idealista hegeliana, onde via a história como revelação. Não é a história como tal que é revelação do Absoluto: a revelação acontece em fatos históricos, em fatos realizados por Deus na história, em fatos que manifestam o sentido da história e o destino do Homem ( cf. nota 8).

<sup>3</sup> Angústia é um termo usado no pensamento de Kierkegaard para indicar a atitude do homem em face de sua situação no mundo. Assim, a angústia é parte essencial da espiritualidade própria do homem. Em Heidegger a angústia no homem é fruto de sua existência mortal. É o conflito do homem diante da morte. Cf. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia. Verbetes: Angústia**, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>4</sup> Como foi trabalhado no primeiro capítulo o conceito de espírito se faz indispensável para buscar entender o homem moderno. Vários estudos brindaram a modernidade abordando esta

consciência, se depara com o limite árduo da finitude existencial e é neste dilema da liberdade que se dá a experiência da angústia<sup>5</sup>. A angústia, ao mesmo tempo em que é empecilho, é também, propulsora da vontade de decisão que o ser humano elabora no contexto da própria existência e por conseguinte, o homem busca, no em si de sua autoconsciência, uma resposta para o conflito existente entre sua finitude e o desejo profundo de infinito.

O tema da consciência<sup>6</sup> de culpa, que perpassa o desenvolver da ação do homem no uso de sua liberdade, revela que o homem ainda não se parece idêntico à idéia que orienta o seu destino. Nesse sentido, a consciência de culpa é um momento marcante no processo de libertação do homem até si mesmo. O homem deve tomar consciência de seu destino, para assim, num ato de superação, ir se elevando além de si mesmo. O homem caminha para a totalidade de sua existência, colocando-se em relação com o instante presente do eu e com o mistério que transcende tal presente deste mesmo eu. O presente é presente de uma história ainda inacabada na vida do indivíduo que está a caminho até seu destino pessoal.

Cabe afirmar que pessoa e liberdade se vinculam na medida em que a liberdade representa o indivíduo na sua capacidade formal de ser humano, capacidade dada desde sempre como abertura ao mundo. A liberdade permite ao indivíduo ser ele mesmo. Pannenberg recorre à idéia de autonomia<sup>7</sup> para dizer que esta é expressão da própria identidade do

---

dimensão do ser humano. Entre outras, singulariza-se a **Fenomenologia do Espírito de W.G. F. Hegel**, que aparece como referência determinante no tratamento de tal temática na modernidade.

<sup>5</sup> PANNENBERG, W. **APT** p. 119. Além de Kierkegaard e Heidegger, bastante citados por Pannenberg. Outro autor que também trabalha arduamente o tema da angústia é Jean Paul Sartre, na sua obra principal que foi **O Ser e o Nada**. Ele tematiza a angústia muito voltada para a crise do homem diante do nada e diante do engajamento, mesmo que a angústia leve o homem a buscar alguma resposta para si diante do mundo, talvez mais do que em Heidegger; Sartre se coloca numa situação bastante fatalista para o tema humano. Neste sentido o caminho realizado por Pannenberg visa elevar o homem como liberdade à liberdade plena, concretizada em Jesus Cristo, pela fé.

<sup>6</sup> O tema da consciência, amplamente abordado por Pannenberg e também em toda filosofia moderna. Aponta que a alma tem uma relação consigo mesma, ou seja, uma relação intrínseca ao homem, interior ou espiritual, pela qual ele pode conhecer-se de modo imediato e privilegiado. O homem pela consciência se distingue dos objetos e dos outros.

<sup>7</sup> Um termo muito usado na Ética de Kant e que caracteriza a **vontade pura** enquanto ela apenas se determina em virtude de sua própria essência, quer dizer, unicamente pela forma universal da lei moral, com exclusão de todo motivo sensível. Cf. LANLANDE, André.

eu. É no uso autônomo da liberdade que a pessoa alcança a plenitude do seu ser-para-si<sup>8</sup>.

Em Pannenberg, liberdade e consciência estão em constante diálogo e se situam no mesmo espaço antropológico. É na liberdade presente na consciência do indivíduo, como conquista do pensamento antropológico moderno, que é desenvolvida a sua idéia de homem. Em sua reflexão ficam evidentes os valores antropológicos, históricos e culturais da filosofia moderna, cenário propício para a formulação de um princípio de liberdade que se instaura no lugar do agir racional do homem.

O homem é marcado pela idéia de liberdade e de subjetividade, desta maneira, este homem que se vê livre, assume o dever de aventurar a sua experiência existencial elevada ao extremo de tocar o próprio nada<sup>9</sup>. Esta liberdade elevada ao extremo no homem e, tão especial para ele mesmo, é o que na antropologia se caracteriza como abertura ao mundo<sup>10</sup>. Nesta mesma perspectiva, a ontologia diz que o princípio da liberdade humana pode ser afirmado na experiência de que não é a liberdade que pertence ao homem, mas o homem que pertence à liberdade<sup>11</sup>. O tema liberdade não deixa de significar conceito e princípio necessários da existência, absolutizado no lugar teórico da racionalidade, mas é também experiência e aplicabilidade sensível que se pode experimentar no mundo da vida<sup>12</sup>.

---

**Vocabulário Técnico e Crítico da filosofia.** Verbete: Autonomia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>8</sup>PANNENBERG, W. **APT.** p. 299.

<sup>9</sup> PANNENBERG, W. **TS2.** p. 283.

<sup>10</sup> PANNENBERG, W. **EhcP.** p.12. Pannenberg Recorre ao pensador H. Plessner que trabalha a sua antropologia numa perspectiva de excentricidade, onde o homem aparece como um ser aberto e, em tal abertura, ele rompe com seu mundo natural e o transcende, através da excentricidade e da autoconsciência, construindo assim, a própria identidade.

<sup>11</sup> Para Pannenberg, a compreensão de liberdade caracterizada pela idéia de que ela não é somente dom humano, mas é apresentada também como relação abertura e graça. Pannenberg lembra em seu artigo: **Fundamentação Cristológica de Uma Antropologia Cristã**, (*Concilium* de 1973/6 N°. X) que a hipótese da existência prévia da identidade do sujeito e, com isso, também da sua liberdade frente ao processo concreto da sua experiência é sempre contudo menos aceita, mas continua-se a falar de autodeterminação, auto-realização e autodesenvolvimento etc. deste modo incluem a identidade do sujeito como um pressuposto.

<sup>12</sup> PANNENBERG, W. *Op. Cit.* p. 195 et. seq. Faz-se importante relembrar a amplitude e profundidade do tema liberdade para o autor em questão. Nos privamos de desenvolver mais amplamente outros temas relacionados com a liberdade, pois isso já fugiria do caminho proposto neste trabalho. Nos detivemos apenas no estudo da liberdade subjetiva do indivíduo, tentando

No despontar da modernidade, a busca da liberdade se fez tão cara ao ser humano que muitos acabaram se perdendo no caminho subjetivo, idealizado pelo desejo tão profundo da mesma. Daí o que seria somente meio ou ponto de passagem para chegar ao desejado, objetivou-se como fim em si mesmo, ou pior, como obstáculo para a vivência do que era buscado e desejado - a verdadeira liberdade.

Pannenberg, unindo-se a Kant, lembra que a liberdade é uma necessidade universal instaurada no espaço da lei moral e que se lança no horizonte do mundo da vida, fazendo parte da vontade e do agir do homem. Nesse contexto, a liberdade se abre para um horizonte maior que ela mesma. Ela projeta o humano para um além, um algo mais, facilitando a realização da vontade humana no sentido mais profundo do seu existir.<sup>13</sup> Aqui, ainda cabe dizer que, em Pannenberg, a realização de tal vontade só é possível acontecer quando o homem se coloca como liberdade, na condição de abertura para Deus. A plena liberdade do homem se dá na experiência da verdadeira libertação que acontece em Jesus Cristo. Voltaremos ao tema liberdade mais adiante, no qual haverá a preocupação de demonstrar que a verdadeira liberdade para Pannenberg se dá na Graça libertadora de Deus através de Jesus Cristo.

Por fim, resta afirmar que a liberdade e a noção de consciência são dados indispensáveis para se falar da pessoa humana. Isso se faz realidade também na antropologia do autor aqui estudado. Para ele liberdade e consciência são elementos constitutivos do homem e dados

---

relacioná-la com a consciência. Para melhor aprofundamento do tema liberdade como formulação conceitual e de sua dimensão antropológica, é significativa a investigação filosófica de F. W. Schelling. **A Essência da Liberdade Humana – ( Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas)** – trad. e Introdução: Márcia C. de Sá Cavalcante – Petrópolis: Vozes, 1999. Já para tratar sobre o homem e sua abertura ao outro vale recorrer à **Fenomenologia do Espírito** de Hegel. Principalmente o tema da **dialética do senhor e do escravo** e da **liberdade da consciência -de-sí**. Cf. G.W. F. Hegel. **Fenomenologia do Espírito – parte I**, trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, p.119ss.

<sup>13</sup> HERRERO, Francisco Javier. **Religião e História em Kant**. Trad. José Ceschin, São Paulo: Loyola, 1991, p.22ss. Nesta obra o autor mostra com a profundidade própria do pensamento kantiano o desenvolver da liberdade humana e suas implicações antropológicas e religiosas; Para Kant, conforme mostra o autor, a vontade livre e autônoma é que permite ao homem dar uma resposta dentro da necessidade imperativa da moral a Deus, tal resposta traz implícita a idéia da religião fundamentada nos valores morais. A presente reflexão vai de encontro á problemática trabalhada por Pannenberg no que se refere à liberdade do homem e suas implicações na antropologia teológica, porém, para este último, o fundamento tanto da liberdade quanto da Religião são constitutivos naturais do homem e se explicitam na sua atitude de abertura e de excentricidade.

fundamentais para se falar do homem como ser religioso. Não teria como considerar a dimensão religiosa do homem e sua relação com Deus se retirarmos dele o verdadeiro sentido da liberdade cristã tão valorizada na elaboração da teologia. Liberdade e consciência são dados antropológicos também de alcance espiritual e atributos que colocam o homem na condição de transcendência e de abertura para o mundo e para Deus. Na mesma condição da liberdade, também a transcendência humana concorre para afirmar o dado religioso da natureza humana em Pannenberg, como será exposto nos itens seguintes.

### 3.2

#### **A pessoa humana como ser transcendente**

O estudo da dimensão transcendental do homem marcou o decorrer da história da filosofia e da teologia do ocidente. O transcendente no ser humano caracteriza-se por uma trajetória, que se inicia desde o alvorecer do conhecimento sobre o homem até as buscas mais profundas do sentido da existência humana no mundo. As perguntas transcendentais tentam formular, dentro ou fora razão, respostas que dão fundamentos para o desejo de superação do homem, construindo assim no chão da existência finita, formulações explicativas para seu desejo de infinito. O homem não se contenta com o limite do tempo, do espaço e do puramente empírico; ele sempre deseja se lançar além de tudo isso. Dessa forma, o transcendente é a dimensão do homem que o coloca numa eterna busca e o projeta na sua dimensão espiritual e divina.

Pannenberg, como filósofo e teólogo inserido no pensamento moderno, também não ignora a dimensão transcendental do homem. Seguindo elementos do sujeito transcendental de Kant e dados da filosofia existencialista de Heidegger e de outros pensadores, ele, como teólogo cristão, mostra que a plena transcendência humana se dá na *Encarnação* de Jesus na história.

Nossa abordagem aqui consistirá em elencar alguns elementos que apontam para o ser humano como ser transcendente na sua experiência de vida, através da relação com o mundo e em seu eterno desejo de

algo mais. A pessoa, marcada pela contínua abertura, deseja algo que está além da própria existência, se abre ao outro, constrói história e se lança par além dela. O homem, na sua atitude de transcendência, busca o Absoluto, o indeterminado. Depois de indicar alguns elementos antropológicos do tema transcendência, trabalharemos um breve relacionamento do conceito de transcendência com a história e, por fim, nos voltaremos para o tema transcendência na visão cristã.

### 3.2.1

#### **A transcendência como superação humana**

Já no início do seu tratado antropológico W. Pannenberg expõe como elemento essencial de sua antropologia a capacidade humana de superação de si mesmo. Aqui, o homem no conjunto das espécies deve superar a fragilidade que o marca desde o seu princípio. Esta capacidade de superação, que se faz presente no ser humano é o que o coloca numa condição de distinção no mundo e o situa num lugar específico na história da criação. A transcendência, constitui assim, um dado essencial no homem e concorre para libertá-lo das marcas de deficiências biológicas e do desamparo, que se encontram presentes nele desde sua infância. O homem transcende a fragilidade de sua espécie exatamente no momento em que não se contenta com a repetição de esquemas inatos e supera o seu entorno, gerando o que Pannenberg define como instabilidade natural<sup>14</sup>. Tal instabilidade, propicia ao homem o início de uma relação com o mundo que será sempre marcada pela busca de algo que, como já dito, está além dele mesmo como criatura limitada e finita. Adentrando num caminho de constante transcendência na sua relação com o mundo e com os objetos, o homem continua perseguindo uma realização que nunca se plenifica na

---

<sup>14</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 41 et. seq. Instabilidade natural, consiste precisamente, como definição, no rompimento que o homem faz com o mundo dos instintos, e assumindo para si, um lugar especial no reino animal. Com outras palavras, há um momento em que o homem não se contenta mais com o seu entorno e surge nele um apelo interior que vai mais além dos instintos. Ele se verifica numa situação de não conformidade com o meio. Neste momento, ele rompe com o meio, rompendo assim com sua natureza imediata ( primeira natureza), instalando-se no espaço da cultura (segunda natureza). Pannenberg indica que neste momento é que o homem se faz distinto de todas as outras espécies animais.

experiência de mundo. Desse modo, ele se coloca na situação de eterno andarilho<sup>15</sup> que sempre almeja algo mais.

O Homem, situado no mundo, procura na transcendência alternativas para superar os seus limites, elevando-se por ela ao mais alto de seus desejos. Para Pannenberg, o mais alto do elevar humano na sua busca se dá na sua condição natural de abertura ao mundo e, sobretudo, ao sagrado como destino de plena realização. Abrindo-se ao mundo, como experiência e como superação de si mesmo enquanto instinto, o homem realiza a sua autoobjetivação<sup>16</sup> e toma consciência de si, se distanciando da realidade que o circunda. Pela linguagem e pela técnica, bem como pela cultura, ele elabora uma resposta de transcendência para os inconvenientes existenciais que o acompanham no seu existir no mundo<sup>17</sup>. Ao superar os primitivismos orgânicos e os instintos de sua natureza ele se direciona ao que é propriamente humano projetando-se como excentricidade.

A abertura ao mundo só se torna possível graças à categoria de espírito, pois é pela força dinamizadora dele que o homem toma consciência de seu ser pessoa e da sua relação de abertura ao mundo<sup>18</sup>. Mesmo quando ele transcende toda experiência ou representação de objetos perceptíveis, sua vida ainda permanece aberta a algo que está além. A abertura a uma alteridade que se encontra para fora dele e de todos os objetos do mundo, constitui a presença de um desejo que se

---

<sup>15</sup> O termo aqui usado pode nos remeter à obra de Friedrich Nietzsche, **Assim Falou Zaratustra**, onde ele representa no homem a atitude de um eterno andarilho como quem está sempre em busca de algo “ Segue o teu caminho de grandeza: aqui ninguém há de ir em teu seguimento” O andarilho que sobe às montanhas e sempre perambula em busca de si mesmo pode representar de forma categórica o contínuo transcender humano no que se refere ao si mesmo e em relação ao mundo. Como andarilho, angustiado diante de sua existência, o homem se vê obrigado a construir algo novo no solo de sua contingência e de sua finitude. Se na tradição cristã, apresentada por Pannenberg, esta construção se dá na abertura para Deus e para o Absoluto, através do dado antropológico constitutivo do humano, em Nietzsche ela se mostra ofuscada pela figura do Super-homem.

<sup>16</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p. 45. Conforme está na antropologia de Pannenberg, este conceito se assemelha muito ao de autoconsciência, pois se trata da distância que o indivíduo toma da realidade sendo capaz de objetivá-la, inclusive no que se refere a si mesmo.

<sup>17</sup> Cf. Ibid., p. 47 et. seq.

<sup>18</sup> Na antropologia de Pannenberg, a abertura do homem ao mundo é pressuposto indispensável para a sua experiência religiosa, uma vez que Deus é algo que já é experimentado na história humana, é nela que Ele se revela. Com isso, a religião não se agrega secundariamente ao comportamento aberto ao mundo, mas acontece justamente no mesmo instante e o homem se afirma na sua abertura ou como um **sem centro** mais além, fora do mundo.

instaura em algo maior: o incondicionado, o infinito. Nessa busca contínua ele vai superando todos os finitos e se elevando à idéia de infinito enquanto conceito e desejo<sup>19</sup>.

Na existência humana, a incompletude é um marco em seu caminho inacabado, Pannenberg expõe que, diante de tal realidade, o homem vive uma atitude de ilimitada abertura ao mundo<sup>20</sup>, condição que possibilita à pessoa superar cotidianamente a sua finitude e os condicionamentos que marcam o decorrer de sua vida. O movimento transcendente do humano coloca-o rumo ao seu verdadeiro destino, que se realiza quando o sujeito supera a natureza e se instala num novo lugar existencial<sup>21</sup>. Assim posto, a transcendência na sua compreensão mais pontual não se dá na direção dos dados empíricos, mas na busca de unidade com o Absoluto, ou seja, com o divino. A existência, imanente no mundo e marcada pela autoconsciência bem como pela relação com os outros, ainda não se constitui como realidade completa. E diante de tal circunstância, o homem se abre para algo mais além, ou seja para o infinito. Nesse processo, o eu como pessoa, define-se como sujeito consciente, que deseja o Absoluto e se abre a ele<sup>22</sup>. O ato de transcender-se, se numa dimensão é um buscar algo fora do homem, ele é também um movimento em que a pessoa toma consciência de si mesma, ou seja, um voltar para dentro, em que o indivíduo vai descobrindo a sua identidade e, nesta descoberta, ele verifica o seu potencial de abertura para a sociedade. Ele se instala numa esfera social dialogante estruturada e se abre à totalidade. Nesse processo, a pessoa como unidade bem como totalidade vai sendo construída no decorrer de sua vida, não estando pronta num determinado

---

<sup>19</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p.100. No dilema humano ele carrega consigo um conflito contínuo entre o desejo de infinito e a experiência existencial de finitude. Na trajetória da cultura humana, verificamos uma contínua luta entre o mundo do desejo e a experiência da realidade; assim, essa intolerável contradição tempo e eternidade, que marca o mais profundo paradoxo da aspiração do ser, busca de todas as formas no decorrer da transcendência da história ser resolvida. Na razão filosófica, busca a ontologia explicar o rumo do homem para o ser perfeito, o ser para a imortalidade, mas é no conceito de pessoa, de linhagem teológica e ligando a ele o predicado de *perfectissimum in tota natura*, que na antropologia teológica é resgatada, ante o escândalo da morte, pela fé na absorção do ser-para-a -morte da temporalidade humana na vitória divino-humana de Jesus na sua Ressurreição. Em Jesus a eternidade se faz tempo para o tempo entrar na eternidade Cf. HENRIQUE, C.L. Vaz. **Antropologia Teológica II**, São Paulo: Loyola, 1992, p. 228 et seq.

<sup>20</sup> Cf. Ibid., p.100.

<sup>21</sup> Cf. Ibid., p.140.

<sup>22</sup> Cf. Ibid., p. 264.

dado específico da história humana<sup>23</sup>. Tanto para a antropologia teológica de Pannenberg, quanto para a teologia cristã, a totalidade do homem como realização é uma superação da vida terrena elevando-se até Deus. É no encontro definitivo com Deus que o homem participa da bem-aventurança eterna e se realiza de forma plena<sup>24</sup>.

A antropologia pannenberguiana revela uma concepção de transcendência que é, sem maior dificuldade, compreendida no homem como um dado experimentado na consciência subjetiva. É o homem como pessoa que ao dar conta de si mesmo, pela linguagem e pela razão quem formula na cultura a superação dos seus limites, transcendendo o mundo e a natureza. Pelo simbólico, na cultura, a pessoa ultrapassa a linha que limita a sua existência, adentrando assim, numa realidade mais que humana<sup>25</sup>. É esta idéia de superação da realidade como tal que se torna possível compreender na antropologia aqui estudada a dimensão de história. Na história, o homem participa de seu evoluir como espírito, transcendendo-a, e no processar dos fatos a pessoa avança até a plenitude da história e tal plenitude, para este autor, se dá em Deus como realização plena da pessoa. No próximo tema a ser tratado veremos uma breve compreensão da história como transcendência, para logo depois tratarmos da relação história e cristianismo também em relação à transcendência.

### 3.2.2

#### Transcendência humana e história

Visto já a temática da transcendência humana em Pannenberg e a confirmação dela como um dado que acontece na consciência humana e na subjetividade, cabe afirmar também um expandir do eu para fora de si

<sup>23</sup> Cf. *Ibid.*, p. 295.

<sup>24</sup> A comunidade dos bem-aventurados, conforme se lê em alguns textos apocalípticos indica um estado beatífico de vida, onde o ser humano alcança pela graça divina o dom de participar deste novo estado de vida. Esta experiência esperada pela comunidade de fé representa para os cristãos o ponto máximo da esperança escatológica; o cumprimento mais profundo do desejo humano de contemplar a Deus e participar de sua eternidade. Nesta experiência de contemplação de Deus como experiência mística, pode se afirmar como o mais alto grau da transcendência humana compreendida pela via cristã.

<sup>25</sup> PANNENBERG, W. *Op. Cit.* p.428 et. seq.

mesmo como superação, colocando-se numa condição de abertura ao outro, ao mundo e também a Deus.

Já que a abertura do homem e o seu expandir como transcendência se dão na história, agora faz-se necessário mostrar a relação transcendência humana e história.

Pode-se dizer que a criação da cultura, como o testemunho mais eminente do dado transcendental do indivíduo, bem como a sua abertura à sociedade e à história no processar da vida e dos fatos, caracteriza a força do espírito humano em que a pessoa adquire uma dinâmica propulsora da superação do seu eu diante de si mesmo e o eleva à condição de participante e membro de uma sociedade e de uma cultura.

Pela consciência de historicidade o ser humano elabora a possibilidade de perceber a dinâmica da realidade, ou seja, o contínuo processar da história. O próprio Pannenberg lembra, na sua antropologia teológica, que nas estruturas das relações sociais, bem como entre os indivíduos e, ainda nas constantes mudanças; é neste contínuo caminhar, que todas as coisas que sucedem ou que fazemos suceder, aí é o lugar onde se constitui a verdadeira realidade de cada um dos homens. Todos os incidentes parciais de uma vida recebem seu sentido e, adquirem transcendência do lugar que ocupam no conjunto da história em geral<sup>26</sup>. É num contínuo caminhar da história, como dinâmica dos fatos, que o homem evolui na sua existência e a própria história favorece a ele o constante transcender das situações provisórias do seu percurso, para atingir a meta final de seu caminho. A história é marcada pela temporalidade e por contínua superação da mesma, assim, o homem está posto num eterno devir, transcendendo a história, que, por sua vez, conduz o indivíduo a sua transcendência pessoal<sup>27</sup>.

A história somente evolui pela ação dos indivíduos, sendo que os desejos da pessoa assumem como história uma construção dentro da comunidade humana; e o mundo comum de cada indivíduo é superado, abrindo na sociedade o espaço para a universalidade. Pannenberg prossegue seu pensamento mostrando na vontade de universal a

---

<sup>26</sup> PANNENBERG, W. **EhcP**. p 194 et. seq.

<sup>27</sup> PANNENBERG, W. **APT**. p.613 et. seq.

explicação do dado antropológico religioso, que sempre marcou presença na história das culturas. Este dado tem a força de projetar o ser humano ao infinito de sua insaciabilidade e abrir a ele o horizonte da totalidade, do universal<sup>28</sup>. O homem, como excentricidade transcendente, busca algo que é constitutivo de sua história como homem, mas ao mesmo tempo é trans-histórico, pois o seu desejo supera o mundo previsível do empírico, abrindo para algo que não situa no puro racional.

Pannenberg propõe que o processo histórico não está concluído, como pode desejar a própria história ou a filosofia quando desenvolvem uma pretensão de abarcar a totalidade da realidade humana, posto que isto é algo que é vedado à própria história como tal<sup>29</sup>. O alcance da totalidade histórica se faz impossível na própria dinâmica da historicidade. Desde os tempos das civilizações egípcias ou gregas, almejam em suas experiências, alcançar a totalidade quando buscam superar o limite factual da existência, como subjetividade situada e contingente; porém isso nunca foi possível. Esta ânsia ficou muito evidente na elaboração dos mitos e na criação de divindades, como caminho substancial para satisfazer o impulso insaciável do homem de reter na própria experiência a totalidade da história. Pode-se dizer que a experiência religiosa tem a finalidade de acompanhar a evolução da história, propiciando o superar da fatalidade existencial e constituindo, assim, uma unidade espiritual no seu acontecer.

Cabe concluir com a afirmação de que o maior sinal de transcendência do homem na história e da própria história, para Pannenberg, é a dimensão religiosa, já que está elaborada da forma

---

<sup>28</sup> Quando se verifica o caminho da história para alguns autores modernos e o destino para o qual ela se dirige como fim, é possível de deparar com uma compreensão de história que se sustenta fortemente nos fundamentos da razão. Isto aparece muito evidente no pensamento de I. Kant, quando a história vai ter sua conclusão no universo da razão prática ou na natureza, em ambos pólos a história tem seu *telos* sustentado na razão. Também Hegel na **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**) ou **Fenomenologia do Espírito** aponta para uma conclusão universal da história no movimento do espírito como libertação do em si que se eleva à consciência-de-si, revelando a própria essência do ser. A história parece bastar-se em si mesma e a encarregada final de elevar o espírito à exterioridade universal da história é também a razão – assim a história pressupõe um fim em si mesma, o que parece ser a grande crítica apresentada ao pensamento moderno, por Pannenberg, em sua antropologia teológica; uma vez que para a teologia cristã o espírito da história não se eleva à sua plenitude por si mesmo, mas ele carece de algo mais, e este algo mais é dom gratuito de Deus que é oferecido ao homem na história, através da Encarnação do Filho e da realização de sua missão de implantação do reino de Deus.

<sup>29</sup> PANNENBERG, W. Op. Cit. p.614.

mais diversa nas culturas. No cristianismo, tal elaboração se dá de forma lapidar no evento da Encarnação de Jesus. Com a vinda de Jesus, a eternidade entra no tempo para fazer com que o tempo transcenda e atinja o infinito. O cristianismo apresenta a transcendência não como puro fruto do espírito da história, mas sobretudo como Graça. Por ela, Deus vem até os homens e, num gesto inexplicável de amor, eleva-os e a história à condição de divina. O que a razão no seu penoso caminho de busca alcança em fragmentos, o dom transformador da Graça oferece ao homem em plenitude. O tema da transcendência vai atingir amplo alcance na teologia cristã, por isso, faz-se necessário, mesmo que brevemente, acenar para esta experiência na história do cristianismo.

### 3.2.3

#### Transcendência e história no cristianismo

Finalizando a abordagem do homem na perspectiva da transcendência e da história, apresentaremos alguns elementos desta temática dentro do horizonte cristão, lugar em que o homem é transformado em sua história pela história da salvação. O mistério da Encarnação de Jesus para os cristãos é o grande marco transformador da história, e o desejo do reino de Deus passa a ser uma constante no caminho histórico da humanidade como transcendência.

A história, nos moldes cristãos, não é somente história humana, ela é também história da salvação humana, que se realiza no gesto gratuito do amor de Deus<sup>30</sup>. É Deus que se coloca a disposição para nos salvar. Assim, a história humana é marcada pela força transformadora da Graça, proporcionando ao homem uma história de salvação. É conciliando a

---

<sup>30</sup> Acreditamos que vai de encontro ao tema da história como salvação em Pannenberg a obra do teólogo Mario de França Miranda: **A Igreja numa Sociedade Fragmentada**, São Paulo: Loyola, 2006, onde o autor nos lembra, ao tratar da economia salvífica, que “a compreensão cristã de revelação afirma a iniciativa totalmente gratuita de Deus de vir ao nosso encontro para nos salvar. Esse gesto salvífico não é mera produção humana, pois nesse caso não teríamos propriamente revelação, mas provém do próprio Deus. Em outras palavras, é uma experiência religiosa determinada pelo próprio Deus. Isso significa que na própria experiência Deus mesmo condiciona sua inevitável interpretação, como componente intrínseca dela. Se Deus se revela na história e como história, a experiência (sempre interpretada) dos eventos históricos e capacitada pelo próprio Deus” cf. p. 287

dimensão cristã com o dado natural de transcendência presente na subjetividade humana, que se pode falar de um coeficiente transcendental na história cristã.

O cristianismo primitivo afirmava a tese de que o homem só ascende a seu autêntico destino na história de Jesus se estiver em comunhão com ele<sup>31</sup>. Nessa concepção o acontecimento Jesus Cristo possui validade salvífica universal para o homem. Tal entendimento encontra na pessoa de Jesus Cristo a figura de um segundo Adão, que é o Adão celeste e dele o homem traz também a sua imagem (1 Cor. 15,47-49)<sup>32</sup>. Com Jesus surge um homem novo, renovado na ressurreição de Cristo, que transcende à sua condição de mortal e assume uma condição imortal<sup>33</sup>

Se a filosofia debatia o lugar que a essência humana ou a natureza ocupava no homem pelo acontecer da história, a teologia cristã vai enxergar no homem, como perene marca de seu ser no mundo, a “*imago Dei*” que chega à plenitude com Jesus Cristo, pois é Ele quem revela ao homem o caminho de perfeição a ser seguido. Sendo assim, a compreensão cristã do homem como história, que acontece desde o primeiro Adão ao novo e último Adão, dissolve em historicidade o conceito filosófico de natureza essencial humana independente de tempo, ou melhor, o resolve no movimento concreto da história<sup>34</sup>. Na compreensão cristã de história, lembra Pannenberg, a natureza humana está à disposição de um complemento sobrenatural. Inversamente da noção filosófica que coloca a natureza como necessidade absoluta e como constitutiva de si mesma. A salvação, dentro da abordagem da antropologia teológica é o ato mais significativo da transcendência humana, em que o homem se eleva sobre a própria natureza e se abre à

<sup>31</sup> PANNENBERG, W. **APT.**, p.626.

<sup>32</sup> Cf. *Ibid.*, p.626.

<sup>33</sup> Cf. *Ibid.*, p.629. Os tempos míticos bem como na filosofia grega parecem não ter conseguido uma proposta de superação definitiva para a contingência humana, buscaram respostas para os acontecimentos funcionais da vida, mas o dinamismo da história sempre continuou desafiando o homem. Com Jesus Cristo há uma inovação profunda, pois surge uma nova forma de vida para o ser humano. O homem restaura em si a idéia de imagem e semelhança com Deus, aranhada pelo pecado, assumindo assim, uma resposta de libertação plena e definitiva.

<sup>34</sup> Cf. *Ibid.*, p.631. Pannenberg entra para a história da teologia muito conhecido como teólogo da história. Durante seu produzir teológico sempre teve presente este viés como abordagem. Pode ser considerado um marco no seu caminhar teológico, nesta direção, o seu estudo “**Revelação como História**” (*Offenbarung als Geschichte*), onde o autor mostra que é na história que Deus se revela aos homens.

oferta gratuita de Deus. É pela força da Graça que o homem consegue se elevar ao mais alto grau de perfeição, chegando à semelhança de Jesus Cristo. Dessa forma, é na história de Jesus de Nazaré que o homem se supra-assume e se livra de seus limites, atingindo o seu destino de imagem e semelhança com Deus. O estado de perfeição que o homem almeja na teologia cristã vai se realizar para além da história; é na eternidade que ele atingirá a sua condição de imortal, pela Graça salvadora de Deus<sup>35</sup>.

Na tradição cristã, a transcendência se dá na presença do Absoluto como existência. Em lugar de subida da alma ao Absoluto, como fora traçado pela metafísica, caracterizando a idéia suprema, temos a descida do Absoluto como existência<sup>36</sup>, efetuando na história a resposta conciliadora ao dilema da existência humana. Ao descer pelo evento real da Encarnação (acontecido na história), revela-se aqui uma resposta definitiva aos anseios humanos, acenando para o fim da criação. É no paradoxo antropológico, em que o homem situado no tempo e no espaço como sinais de sua contingência, que se abre o horizonte da dialética finito-infinito. O Verbo encarnado é para a pessoa a revelação de sua transcendência existencial, e desse modo, o mistério humano se vê iluminado pela luz do *Logos* de Deus que se faz história, encarnando-se nela para elevá-la á categoria de divina<sup>37</sup>.

<sup>35</sup> Cf. *Ibid.*, p.633. Hegel na sua filosofia da história apresenta um homem que se realiza na história, mostrando um Espírito da História que parece ser conceituado de forma diferente do espírito de Deus da tradição cristã; para Schleiermacher tal idéia já é resolvida com a apresentação de Jesus Cristo que institui uma nova vida, “vida total” de uma nova sociedade, já não corrompida pelo pecado.

<sup>36</sup> Num contexto, mais filosófico que teológico HENRIQUE C.L. Vaz. **Atropologia Filosófica, II e III**, São Paulo: Loyola. Expõe também com grande profundidade, tal qual Pannenberg, considerando a construção histórica dos conceitos e a elaboração cultural dos mesmos; fazendo uma exposição da antropologia e demonstrando um profundo itinerário da reflexão sobre a temática da transcendência. De forma complexa, porém clara, Lima Vaz recorda desde o alvorecer da filosofia até os dias atuais o evoluir de tal conceito, mostrando que o desfecho da transcendência é o encontro do homem com o Absoluto pela via escatológica cristã.

<sup>37</sup> A constituição pastoral do **Vat.II Gaudium et Spes, n° 264**, apresenta Jesus Cristo como homem novo, através de uma afirmação muito clara e profunda sobre o tema da Encarnação “Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é portanto de se admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice. Ele é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina”.

Por fim, cabe dizer que, na Encarnação, o Filho de Deus traz ao homem um novo caminho de realização como transcendência. Este caminho é indicado como lugar da realização plena da vida humana, em que, pela elevação de sua essência ao seu verdadeiro destino de imagem e semelhança de Deus, o ser humano é capacitado para participar do reino de Deus. A realização do reino é o acontecimento da história humana como tal, sendo caracterizada como história universal de salvação, em que o homem como sujeito, responde livremente a ela na sua existência projetando-se para além de seus limites e de sua natureza e alcançando um estado de perfeição divina, que chega a sua plenificação na plenitude da história. A história humana não está condenada ao fracasso e ao acaso contingente da finitude, ao contrário, é o lugar da realização do ser humano como imagem de Deus. E isso é possível através de sua abertura a Ele. Este horizonte de abertura confirma no homem, conforme Pannenberg, a natureza religiosa do mesmo e a busca da realização plena deste princípio natural. O próximo capítulo dedicar-se-á mais exclusivamente à temática da abertura humana e de sua relação com Deus através de Jesus Cristo.